



A FORMAÇÃO DOS SUJEITOS SOCIAIS POTENCIALIZADA PELA CIBER-CULTURA: desafios e possibilidades

THE FORMATION OF SOCIAL SUBJECTS EMPOWERED BY CYBERCULTURE: challenges and possibilities

Renata Oliveira dos Santos¹; Maria Luisa Furlan Costa²

CITATION

Santos, R. O. dos & Costa, M. L. F. A formação dos sujeitos sociais potencializada pela cibercultura: desafios e possibilidades. *Video Journal of Social and Human Research*, 1(2), 25-36. <https://doi.org/10.18817/vjshr.v1i2.23>

SUBMITTED

06/06/2022

ACCEPTED

10/11/2022

PUBLISHED

30/12/2022

DOI

<https://doi.org/10.18817/vjshr.v1i2.23>

AUTHOR

¹ Doutora em Educação - Universidade Estadual de Maringá - UEM. Professora do Centro Universitário Cidade Verde – UniCV. <https://orcid.org/0000-0002-8391-1568>.

² Doutora em Educação - Universidade Júlio de Mesquita Filho - UNESP/Araraquara. Professora Associada da Universidade Estadual de Maringá – UEM. <https://orcid.org/0000-0002-4286-5892>.

RESUMO

O que funcionava antes, como imutável, hoje flui na busca constante de aprender, manifestar saberes e de criar conhecimento, por meio da memória que pode ser armazenada em diversos bancos de dados, da imaginação, da percepção que permitem um acesso diferente à informação e às novas maneiras de pensar. Na era da virtualização, é errôneo pensar que estamos vivendo no irreal. Os espaços virtuais, hoje, são uma espécie de extensão do próprio homem que passou a estabelecer suas relações dentro de um ciberespaço. Este tende a potencializar uma conexão social que não se traduz apenas na representação da mídia tradicional, mas se apresenta como um caminho da abertura de outros espaços públicos de discussões, a partir do estar junto virtualmente, auxiliando na constituição de vínculos sociais e fortalecendo as relações humanas na atual sociedade. Tantas mudanças implicam debates sobre o desenvolvimento do sujeito social mediado pelo digital e o papel da educação. Este texto de caráter qualitativo e revisão bibliográfica tem como objetivo promover uma reflexão sobre a cibercultura, os sujeitos sociais e o repensar do processo de educação.

Palavras-chave: Tecnologias Digitais; Virtualização; Cultura; Educação.

ABSTRACT

What worked before, as immutable, today flows in the constant search for learning, manifesting knowledge and creating knowledge, through memory that can be stored in several databases, through imagination, through perception that allows a different access to information and new ways of thinking. In the era of virtualization, it is wrong to think that we are living in the unreal. Virtual spaces today are a kind of extension of people themselves, who have begun to establish their





relationships within cyberspace. This tends to potentiate a social connection that is not only translated into the representation of traditional media, but presents itself as a way to open other public spaces of discussion, from being together virtually, helping in the constitution of social bonds and strengthening human relations in today's society. So many changes imply debates about the development of the social subject mediated by the digital, and the role of education. This qualitative and literature review text aims to promote a reflection on cyberculture, social subjects, and the rethinking of the education process.

Keywords: Digital Technologies; Virtualization; Culture; Education.

TEXTO

As transformações propostas pelo surgimento e a difusão da internet são desenvolvidas, modificadas e reformuladas o tempo todo por sujeitos sociais, o que nos faz produtores e produtos da sociedade em que estamos inseridos. Não existe ingenuidade alguma em acreditar que o meio nos forma ou até mesmo determina o que estamos nos tornando, consumindo e produzindo. Na verdade, somos nós os responsáveis por tudo isso.

Marcada por inúmeros sistemas simbólicos, a ação de um grupo social pode revelar como a sociedade está sendo pensada, suas prioridades, comportamentos e decisões de caráter tanto social quanto político e econômico; sua interpretação, então, possibilita múltiplos olhares investigativos.

Para Geertz (2013):

A análise cultural é (ou deveria ser) uma adivinhação dos significados, uma avaliação das conjecturas, um

traçar de conclusões explanatórias a partir das melhores conjecturas e não a descobertas do Continente dos Significados e o mapeamento da sua passagem incorpórea (p.14).

O estudo de uma cultura será sempre incompleto, repletos de novos questionamentos que poderão fomentar indícios para outras investigações e descobertas, que tendem a ser reinterpretadas quantas vezes forem necessárias.

Guiamo-nos pelo caminho da Antropologia para entender a existência de uma cibercultura, conceito que, em um primeiro momento, auxilia a compreensão das mudanças que estão ocorrendo no mundo por causa do surgimento da internet e da disseminação cada vez mais rápida de informações, saberes e conhecimentos por meio de dispositivos móveis.

Segundo Lemos (2003), o conceito de cibercultura pode ser compreendido:

...como a forma sociocultural que emerge da relação simbiótica entre sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base microeletrônica que surgiram com a convergência das telecomunicações com a informática na década de 70. (p. 11).

Trata-se da cultura contemporânea permeada pelas tecnologias digitais que se revela como consequência do desenvolvimento tecnológico. Por isso, mesmo o autor afirma que o entendimento sobre a cibercultura deve ser pautado na eminência de um fenômeno social que pode ser observado tanto em suas



potencialidades quanto em desvantagens para a sociedade. Não é tida, assim, nem como utópica, nem distópica da realidade.

Na atualidade, a ideia de cibercultura, para alguns estudiosos, se desdobra na expressão conceitual de cultura digital e tem nos mostrado que a relação humana com as tecnologias digitais, em especial, com a educação, sugere outras maneiras de olhar, entender e pensar sobre essa confluência entre o mundo presencial físico e o virtual.

Define-se, assim, a escolha por entender a cibercultura e a cultura digital pelo viés antropológico e sociológico, não apenas como apresentação de um sistema tecnológico preexistente a uma sociedade, mas aquele que, sendo produto e produzido por ela, auxilia-nos a partir de sua observação e interpretação.

Assegura Lemos (2003) que:

A partir da década de sessenta, as emergências de novas formas de sociabilidades vão dar outros rumos ao desenvolvimento tecnológico, transformando, desviando e criando relações inusitadas do homem com as tecnologias de comunicação e informação. (p. 12).

Procuramos compreender a ideia de cibercultura também pela interpretação filosófica e sociológica apresentada por Lévy (2010) como: "...conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço³". (p. 17).

³O ciberespaço (que também chamarei de 'rede') é o novo meio de comunicação que surge com a interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo (Lévy, 2010, p. 17).

É a partir dessa possibilidade interpretativa que, ao pensarmos o desenvolvimento da tecnologia digital, das redes, da educação na era digital, deparamo-nos com novas práticas culturais. Tem-se, assim, o surgimento de um sujeito social que, por meio dos aparatos tecnológicos, tece seus múltiplos comportamentos e a sua maneira de interagir com o mundo.

Segundo Lévy (2011):

Um movimento geral de virtualização afeta hoje não apenas a informação e a comunicação, mas também os corpos, o funcionamento econômico, os quadros coletivos da sensibilidade ou o exercício da inteligência. A virtualização atinge mesmo as modalidades de estar juntos, a constituição do "nós": comunidades virtuais, empresas virtuais, democracia virtual...Embora a digitalização das mensagens e a extensão do ciberespaço desempenhem um papel capital na mutação em curso, trata-se de uma onda de fundo que ultrapassa amplamente a informatização. (p. 11).

Na era da virtualização, é errôneo pensar que estamos vivendo no irreal. Os espaços virtuais, hoje, são uma espécie de extensão do próprio homem que passou a estabelecer suas relações dentro de um ciberespaço. Este não tem o poder de resolver os problemas da humanidade, mas está promovendo diferentes formas de comunicação que precisam ser interpretadas como positivas em suas potencialidades (Lévy, 2010).

Segundo Santinello *et al.* (2020), o ciberespaço tende a potencializar uma conexão social que não se traduz na representação da mídia tradicional, mas se apresenta como



um caminho da abertura de outros espaços públicos de discussões, a partir do estar junto virtualmente, auxiliando na constituição de vínculos sociais e fortalecendo as relações humanas na atual sociedade.

O novo sistema de comunicação que emerge dessa virtualidade abarca uma gama de expressões culturais que implica o reconhecimento de uma diversidade de conhecimentos, interesses e valores que podem gerar novos conflitos sociais.

Ao passar a interagir de uma maneira tão diferenciada, os sujeitos desse mundo conectado por uma dinâmica rápida, assertiva, precisa de espaços temporais diversificados, que têm perpassado por relações sociais nunca imagináveis. Com isso, a cibercultura nos ajuda a refletir sobre os conceitos e a ideia do que é universal, a indeterminação do global e o repensar da comunicação.

Assim, a maneira como as informações, os saberes e os conhecimentos passaram a ser produzidos e circulados transforma a ideia linear, por exemplo, da construção e disseminação de um texto. Essa noção incide na própria maneira como ele será entendido e interpretado dentro e fora da sala de aula.

O acesso à informação por meio de vários *links*, canais, plataformas e ícones demonstra não apenas o modo de compreender o mundo e suas particularidades, mas também como representá-lo. Ver e estar nele será um dos desafios latentes da vivência marcada pela interação e conexão de múltiplos sujeitos sociais em diferentes cenários.

Palavras como interconexão, comunidades virtuais, compartilhamento de ideias, *sites*, *softwares* e tantas outras passaram a fazer parte do dia a dia daqueles

que são privilegiados e usufruem dessa invasão digital em sua vida. A internet está sendo difundida à medida que novas técnicas e ações podem ser testadas e compartilhadas entre seus grupos e expandidas para fora deles.

Conforme destaca Postman (1994):

O que precisamos para refletir sobre o computador nada tem a ver com sua eficiência como ferramenta de ensino. Precisamos saber de que maneira ele vai alterar nossa concepção de aprendizado e como, em conjunção com a televisão, ele minará a velha ideia de escola. [...]. As novas tecnologias alteram estruturas de nossos interesses: as coisas sobre as quais pensamos. Alteram o caráter de nossos símbolos: as coisas com que pensamos. E alteram a natureza da comunidade: a arena na qual os pensamentos se desenvolvem. (pp. 28-29).

O acesso à tecnologia digital tem modificado massivamente a relação entre informação, conhecimento e poder; uma vez que quanto mais acessível se torna a compra de um computador, a conexão pelas redes de telefonia móvel, a busca de saberes pelo mundo, mais social é estar conectado, pois tendemos a chegar à conclusão de que, sem a internet, a vida, agora também em rede, não flui.

Lévy (2010) aponta para três aspectos básicos que conduzem o crescimento do ciberespaço: a interconexão; a criação de comunidades virtuais; e a inteligência coletiva. Tais aspectos modificaram e continuam a transformar as relações de homens e mulheres em nossa sociedade.



Indubitavelmente, a conexão pode ser entendida como a mola motora da cibercultura, pois essa nova maneira de estar ligado ao mundo permite a existência de diversas ações não antes vivenciadas.

Com respaldo na ideia de uma comunicação de cunho universal, a interconexão provoca uma revolução. Esta promove que o agente passivo se transforme agora em ativo, podendo interagir em tempo real, sem fronteiras, por meio de uma interação capaz de alterar a maneira como as pessoas estabelecem seus contatos com o mundo, ao criar, assim, comunidades virtuais (Lévy, 2010).

Essas comunidades são edificadas a partir de interesses, projetos e conhecimentos em comum que podem ser compartilhados ou trocados entre os sujeitos sociais que, mesmo a quilômetros de distância, conectam-se por necessidades e curiosidades semelhantes, de forma a estabelecer outras maneiras de se aproximar uns dos outros (Lévy, 2010).

Isso implica saber que essas relações não são mantidas sem um conjunto de regras éticas e morais que serão feitas e seguidas por todos os membros ali presentes, uma vez que, caso contrário, eles correrão o risco de serem expulsos do ambiente virtual (Lévy, 2010).

Bourdieu (2015), ao refletir sobre as relações humanas em sociedade, apresenta-nos o conceito de “campos”, a partir do qual sintetiza muito bem a ideia de que cada espaço social será demarcado por regras de organização próprias que conduzirão a atuação dos indivíduos mediante as determinações existentes, as quais irão legitimar e validar suas ações. Fazer parte das comunidades virtuais, por exemplo, implica saber como se

constroem as opiniões e ações no seu interior.

Por essa razão, dificilmente, a percepção de que a pessoa ao estar na frente de uma tela de computador ou celular está sozinha se sustentará, já que, ao estar conectada, ela, muitas vezes, faz parte de relações amplas e difundidas em diferentes lugares do globo terrestre, tendo em comum o fato de estar interligada pelo meio digital.

Segundo Lévy (2010):

...“comunidades virtuais” realizam de fato uma verdadeira atualização (no sentido da criação de um contato efetivo) de grupos humanos que eram apenas potenciais antes do surgimento do ciberespaço. A expressão “comunidade atual” seria, no fundo, muito mais adequada para descrever os fenômenos de comunicação coletiva no ciberespaço do que “comunidade virtual”. (p. 132).

A partir das comunidades virtuais, somos capazes de nos conectarmos com pessoas que têm predileções iguais ou semelhantes, mesmo que elas não estejam próximas. As trocas diárias se tornam mais rápidas por causa dos variados interesses que podem ser alcançados em apenas um *click*.

Assim, fazemos compras, realizamos pesquisas, procedemos a trocas simbólicas de pensamentos e de percepções sobre a sociedade, pagamos serviços e produtos, trabalhamos, relacionamo-nos afetivamente via redes sociais.

Imagens, textos, vídeos, falas cotidianas passam a fazer parte de um novo discernimento sobre o mundo e tudo que emerge como sendo fundamental para a construção humana, de pensamentos e de comportamentos tidos como



essenciais para a nossa sobrevivência. Isso seria possível, se isolados? Acreditamos que não, pois correríamos o risco de tirar de nós mesmos a responsabilidade pelas relações sociais que podemos construir em diferentes aproximações entre o eu e o outro. A cultura mediada pela internet, redes e conexão só existe porque lá estamos nós, seres humanos, operando e transformando os computadores e qualquer outro dispositivo móvel.

O terceiro aspecto da cibercultura é, então, a inteligência coletiva⁴, defendida, por muitos estudiosos, como mais um campo de problemas a serem refletidos e não a solução para as consequências da difusão e interação de saberes, da imaginação e das energias espirituais realizadas por meio de ciberespaços.

Para Lévy (2010):

...vivemos hoje em uma destas épocas limítrofes na qual toda a antiga ordem das representações e dos saberes oscila para dar lugar a imaginários, modos de conhecimento e estilos de regulação social ainda pouco estabilizados. Vivemos um destes raros momentos em que, a partir da nova configuração técnica, quer dizer, de uma nova relação com o cosmos, um novo estilo de humanidade é inventado. Nenhuma reflexão séria sobre o devir da cultura contemporânea pode ignorar a enorme incidência das mídias eletrônicas (sobretudo a televisão) e da informática. (p. 17).

⁴ "... a inteligência coletiva no mundo jamais irá prescindir a inteligência pessoal, do esforço individual e do espaço necessário para aprender, pesquisar, avaliar, integrar-se às diversas comunidades, mesmo que virtuais" (Lévy, 2010, p. 253).

Nesse sentido, todo o esforço para refletir sobre a cultura digital não pode ser entendido apenas sob a dicotomia de que a inserção das tecnologias digitais na formação humana seja boa ou ruim, maléfica ou benéfica, catastrófica ou revolucionária.

Segundo Lévy (2010):

A interconexão para interatividade é supostamente boa, quaisquer que sejam os terminais, os indivíduos, os lugares e momentos que ela coloca em contato. As comunidades virtuais parecem ser um excelente meio (entre centenas de outros) para socializar, quer suas finalidades sejam lúdicas, econômicas ou intelectuais, que seus centros de interesses sejam sérios, frívolos ou escandalosos. A inteligência coletiva, enfim, seria, o modo de realização da humanidade que a rede digital universal felizmente favorece, sem que saibamos *a priori* em direção a quais resultados tendem as organizações que colocam em sinergia seus recursos intelectuais. (p. 135).

O que temos, na realidade, é uma mudança cultural que está promovendo uma maior interação entre os sujeitos sociais e a disseminação de conhecimentos. Começamos a entender que todos somos providos de algum tipo de saber. Por que não compartilharmos?

As dinâmicas das redes, das comunidades virtuais, são determinadas e determinantes pela maneira como nos enxergamos e nos movemos no interior das sociedades e dentro dos meios digitais. Por isso, as ações da cibercultura são cada vez mais de cunho heterogêneo, da ordem da alteridade, do que da igualdade e solidez.



Como afirma Lemos (2003):

...a utilização do e-mail que revolucionou a prática de correspondências pessoais para lazer ou trabalho, os chats com suas diversas salas onde a conversação se dá sem oralidade ou presença física, os muds, jogos tipo *role playing games* onde usuários criam mundos e os compartilham com usuários espalhados pelo mundo em tempo real... as listas de discussões livres e temáticas, os *weblogs*... onde são criados coletivos, diários pessoais e novas formas jornalísticas, sem falar nas formas tradicionais de comunicação são ampliadas, transformadas e reconfiguradas com o advento da cibercultura. (p. 15).

Aquela sociedade fixada em certezas universais, no sentido de imutável e não em uma universalidade de possibilidades, como encaramos, agora, com os ciberespaços, deixou de ser a mola que mantinha equilibrada a maneira como nos movemos socialmente. Ela está implicada por uma rapidez instantânea que chega, também, às formas como conduzimos e somos reconhecidos como seres sociais.

A modernidade líquida, tão bem refletida pelo sociólogo polonês Bauman (2001), ajuda-nos a entender melhor o que significa a não homogeneidade das relações permeadas pela interconexão, comunidades virtuais e inteligência coletiva. Como assevera este autor:

Os fluidos se movem facilmente. Eles “fluem”, “escorrem”, “esvaem-se”, “respigam”, “transbordam”, “vazam”. “inundam”, “borrifam”, “pingam”; são “filtrados”, “destilados”; diferentemente

dos sólidos, não são facilmente contidos – contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho. Do encontro com o sólido emergem intactos, enquanto os sólidos que encontraram, se permanecem sólidos, são alterados – ficam molhados ou encharcados. A extraordinária mobilidade dos fluidos é o que associa à ideia de “leveza” (Bauman, 2001, pp. 8-9).

Enquanto, nas sociedades sólidas, o tempo era fixo e determinado, equivalendo-se às dimensões espaciais controladas, tudo visto de maneira explícita e imutável, nas sociedades líquidas, o tempo e o espaço estão prontos para as mudanças e são importantíssimos para a compreensão das dinâmicas humanas (Bauman, 2001).

Certamente, em um mundo que continuasse a compreender que as trocas de mensagens, saberes, documentos e imagens se realizassem apenas pela ação dos correios físicos, por exemplo, jamais a internet e suas variadas demandas poderiam emergir. Não estamos afirmando, aqui, que essa forma de troca de produtos e serviços deixou de ser importante; ela é apenas uma dentre tantas outras possibilidades que só poderiam surgir em um ambiente social propenso a mudanças.

As novas tecnologias digitais fluidas, em seus ciberespaços, foram possibilitando a formação de uma cultura que insiste em revelar que os saberes se projetam em inúmeras manifestações humanas, as quais, ao se encontrarem, vão se reafirmando, reagrupando e, até mesmo, modificando-se diante desse contato, hoje realizado por meio de trocas de informações e de conhecimentos.



Isso nos faz entender que somos levados ao novo e à mutação, não mais entregues a uma estagnação.

Além disso, Lévy (2010) postula:

... o ciberespaço não deve ser pensado como estando povoado por indivíduos isolados e perdidos entre massas de informações. A rede é antes de tudo um instrumento de comunicação entre indivíduos, um lugar virtual no qual as comunidades ajudam seus membros a aprender o que querem saber. (p. 253).

A memória, a imaginação, a percepção e o raciocínio estão sendo mediados por uma nova maneira de entender os conceitos de competências e habilidades que se representam. Para Lévy (2010): “O saber-fluxo, o trabalho-transação de conhecimento, as novas tecnologias da inteligência individual e coletiva mudam profundamente os dados do problema da educação e da formação”. (p. 160).

Diante dessa realidade, a educação, a noção do que é ensino-aprendizagem, tem passado por inúmeros processos de transformação que, embora lentos em alguns países, precisam suprir as novas necessidades desse sujeito social conectado a cenários que se apresentam múltiplos no mundo.

Essa cultura digital que emerge dentro do que até então viemos discutindo como a cibercultura, permeada pelo ciberespaço, abre caminhos para entendermos, como acentua Kenski (2018): “...que a internet, a *web* (*www*) e a banalização dos acessos aos meios digitais modificaram as relações existentes” (p. 141).

Elas não podem mais ser entendidas apenas por meio de um computador conectado a uma rede, mas, sim, como o seu uso

cotidiano, móvel e rápido está transformando as estruturas de saberes e de conhecimentos institucionalizados. Tudo isso não se projeta de maneira passiva no cotidiano, mas está se reinventando à medida que novas necessidades, ideias, projetos, interesses econômicos, utopias, táticas de poder se criam.

Castells (2016) salienta que as tecnologias mecânicas transformadas em tecnologias da informação promoveram um sistema de comunicação que alterou o que havia anteriormente. Os sistemas de rede e a comunicação possibilitam o pensar sobre as identidades culturais e as ações políticas que, para ele, deveriam ter um caráter multidimensional.

A comunicação, agora multifacetada, não mais condiz com as estruturas sociais existentes e representadas, até então, nesse caso, por instituições de ensino tradicionais, cuja presença física, em espaços e tempos demarcados, significava o lugar único de aprendizado.

Como vimos, a conexão, a possibilidade de estar em diferentes espaços ao mesmo tempo, a busca por novos conhecimentos e o reconhecimento da existência de inúmeros saberes, que podem ser trocados em apenas um *click*, constituem aspectos que permitem entender, como assegura Lemos (2014) que:

As redes ...nos propõe a criação de outro tipo de sociedade que não é apenas dos humanos; é mais complexo, constituído por uma ecologia de atores diferentes. Assim, podemos pensar num outro tipo social feito não apenas por pessoas, mas constituído por membros de diversas naturezas (dispositivos,



bancos de dados, biodiversidades, territórios etc.). (p. 56).

Hoje, aprendemos por meio de um *click*? Pode-se ensinar a quilômetros de distância? Sim, são possibilidades. Mas por que ainda existe resistência em relação à abertura de um saber que se propaga pelas redes? Em um mundo que se move por dispositivos móveis, por que “demonizar” o debate em torno da Educação Aberta a Distância⁵?

Lévy (2010) pondera que:

Não basta estar na frente de uma tela, munido de todas as interfaces amigáveis que se possa pensar, para superar uma situação de inferioridade. É preciso antes de mais nada estar em condições de participar ativamente dos processos de inteligência coletiva que representam o principal interesse do ciberespaço. Os novos instrumentos deveriam servir prioritariamente para valorizar a cultura, as competências, os recursos e os projetos locais, para ajudar as pessoas a participar de coletivos de ajuda mútua, de grupos de aprendizagem cooperativa etc. (p. 246).

As redes nos apresentam não somente um tipo novo de sujeito social, como também um estudante diferenciado que tem, na cibercultura, o “modelo ideal” de como transitar pela sociedade e pelos vários saberes. O ser conectado e rápido não mais pretende aprender somente por meios fixos e presenciais físicos.

O sujeito social se movimenta o tempo todo de maneira global e isso tende a afetar todas as etapas de sua formação educacional. Por essa lógica, é necessário discutir os

caminhos para a educação que se propaga via comunidades virtuais, *chats*, fóruns de debate realizados em espaços e tempos variáveis.

Nesse âmbito, Santos (2011) aventa que a educação necessita de uma reforma em que a globalização possa ser um elo de solidariedade entre os saberes. As redes devem ser utilizadas como uma maneira de transnacionalizar o conhecimento e fazer parte do todo das universidades. Quando for possível que isso ocorra, certamente irá permitir um maior fortalecimento, democratização e qualificação do Ensino Superior.

Partimos da premissa de que seja fundamental reconhecer que o conhecimento é um bem público e, quanto mais divulgado, tem o potencial de atingir um maior número de pessoas, possibilitando o acesso aos mais variados tipos de saberes. O reconhecimento dos múltiplos saberes modifica a ecologia da educação ao admitir diferentes maneiras de ensino-aprendizagem.

O movimento de virtualização da sociedade proporciona um olhar diferenciado sobre o comportamento e as ações geradas por essa nova dinâmica. Na ótica de Lévy (2010), as competências que as pessoas desenvolvem para o exercício de seu trabalho estarão sempre em mudanças, o que impede, na atualidade, que sejamos apenas um tipo único de pessoa, de trabalhador ou estudante.

O que funcionava antes, como imutável, hoje flui na busca constante de aprender, manifestar saberes e de criar conhecimento, por meio da memória que pode ser armazenada em diversos bancos de dados, da imaginação, da percepção que permitem um acesso diferente à informação e às novas maneiras de pensar. Tudo isso revela a necessidade

⁵ Termo utilizado por Pierre Lévy em defesa de uma educação que perpassa pelos meios digitais.



da construção de lugares inovadores de conhecimento.

Concernente ao exposto, Lévy (2010) profere a seguinte reflexão:

...a partir de agora devemos preferir a imagem de espaços de conhecimentos emergentes, abertos, contínuos, em fluxo, não lineares, se reorganizando de acordo com os objetivos ou contextos, nos quais cada um ocupa uma posição singular e evolutiva. (p. 160).

Embora os sujeitos sociais estejam inseridos em uma cibercultura, o uso da tecnologia para educação pode ser visto como um desafio ao modificar o que parecia uma forma de aprendizado já sólida para uma maneira de aprender e de ensinar por meio de diferenciados instrumentos, o que gera uma fluidez maior de saberes e de conhecimento.

Isso nos instiga a compreender o tipo de educação que pode ser possível para aqueles que veem, nas tecnologias digitais e comunicacionais, a forma mais rápida de compreender e estar no mundo, atuando, modificando e transformando a realidade ao seu redor: “Um saber ampliado e mutante caracteriza o atual estágio do conhecimento na atualidade” (Kenski, 2012, p. 27).

O contato com a diversidade de pensamentos, de sujeitos sociais e de maneiras de conhecer e de perceber o mundo, possibilita pensarmos sobre a necessidade de reconhecermos a formação de uma humanidade cada vez mais digital.

Lévy (2010) sinaliza que:

A diversidade cultural no ciberespaço será diretamente proporcional ao envolvimento ativo e à qualidade das contribuições dos diversos representantes culturais...

O ciberespaço contém, de fato, aquilo que as pessoas nele colocam. A manutenção da diversidade cultural depende principalmente da capacidade de iniciativa de cada um de nós. (p. 249).

Sabemos que as mudanças ocorridas na maneira de se comunicar e obter informações têm gerado uma cultura digital, cujo objetivo é tornar cada vez mais acessível tudo o que já fora e tem sido produzido pela humanidade ao longo dos anos. Ela permite pensar sobre esse novo modelo de sociedade que, ao estar conectado pela internet, apresenta-nos maneiras diferenciadas de acumular saberes.

As quebras de fronteiras, a conexão em rede, a acessibilidade móvel, a ocupação de múltiplos espaços ao mesmo tempo revelam maneiras distintas de reconhecer o mundo em que vivemos.

Para Domingos Ramos e Boll (2019):

...a cultura digital é um produto das TIC e da convergência das telecomunicações e informática, que estabelece uma relação simbiótica específica entre a sociedade e a informática. Dessa relação, surgem formas sociais e culturais que modificam os hábitos, as práticas de consumo cultural, os ritmos de produção e distribuição da informação. (p. 53).

Ao estar imersa nessa cultura digital vinculada às inovações e aos avanços do conhecimento, a incorporação de tudo isso no cotidiano tende a proporcionar o uso das tecnologias digitais, suas conexões diversas e novos tipos de ação na sociedade (Kenski, 2018).

O fato é que a popularização do uso e do acesso às TDICs atinge todos os espaços,



assim como as instituições sociais. Nesse sentido, passamos, então, a compreender que o ensino-aprendizado precisa se transformar. Para Kenski (2012), é imprescindível: “Abrir-se para novas educações – resultantes das mudanças estruturais nas formas de ensinar e aprender possibilitadas pela atualidade tecnológica – é o desafio a ser assumido por toda a sociedade”. (p. 27).

A resistência em relação a métodos, às novas possibilidades de processos educativos com as tecnologias digitais como potencializadoras de ensinar-aprender, ainda se faz presente em inúmeros segmentos da sociedade. Embora estar conectado seja uma realidade quase que para todos, a falta de conhecimento para usufruir de todas as suas possibilidades se reveste de preconceito ao que lhe parece desconhecido.

Postman (1994) é assertivo ao afirmar que:

Um combatente da Resistência compreende que a tecnologia nunca deve ser aceita como parte natural das coisas, que toda tecnologia – dos testes de QI a um automóvel, a um aparelho de tevê, a um computador – é um produto do contexto econômico e político particular, e traz consigo um programa, uma agenda, uma filosofia que podem ou não realçar a vida e que, por conseguinte, requerem exame, crítica e controle. Resumindo, um combatente da Resistência tecnológica mantém uma distância epistemológica e psíquica de qualquer tecnologia, de forma que ela sempre parece um tanto estranha, nunca inevitável e nunca natural. (p. 190).

Os jovens estudantes dos dias atuais ainda precisam de um auxílio educacional, escolar e acadêmico, para desenvolver suas habilidades e competências no que se refere ao aprendizado por meio das tecnologias digitais. Para Dias-Trindade e Mills (2020), é importante ressaltar que, mesmo vivendo em um mundo rodeado por tecnologias, transitando por diferentes espaços digitais, plataformas, *sites*, redes, mídias – as mais variadas –, esses jovens podem ser chamados de nômades digitais. Estar conectado não é apenas uma condição de quem usufrui de aparelhos eletrônicos, mas também como se entende o comunicar, o expressar, o interagir e o viver em sociedade atualmente.

Segundo Lévy (2010): “só é possível compreender a relação entre cibercultura e educação se formos capazes de realizar uma análise sobre mutação contemporânea da relação com o saber” (p. 159). Isso implica entender que o sujeito social, hoje, não vai aprender para um fim único, apenas para o mercado de trabalho que não se modifica para a realização de uma função específica sem mudanças ou, inclusive, para a obtenção de um título acadêmico finito em si mesmo.

A cultura digital, ao ser transportada para a educação, precisa integrar mudanças que vão desde as estruturas físicas, curriculares, até as áreas de ensino-aprendizagem. O uso das tecnologias digitais potencializa a desconstrução e a construção de outras formas de acesso ao conhecimento.

Com isso, as áreas de ensino, como as Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Matemática, Ciências da Natureza e Linguagens, têm como desafio promover um processo de aprendizado alinhado a uma



sociedade constituída por pessoas conectadas ao mundo.

A sua presença abre caminhos para a expansão da produção, distribuição e compartilhamento da informação por meio da integração do texto, som, imagem estática e em movimento, de maneira a possibilitar o desenvolvimento de novas capacidades para o aprendizado e “evoca[m] sensibilidades acústicas e sinestésicas que impactam os processos de aprendizagem e desenvolvimento humano” (Ramos & Boll, 2019, p. 53).

Cabe a nós, pesquisadores, professores e os profissionais da educação, pensar em como as tecnologias digitais estão presentes em diferentes áreas e seus impactos.

REFERÊNCIAS

- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Zahar.
- Bourdieu, P. (2015). *Sociologie générale*. Cours au Collège de France (1981-1983). Seuil.
- Castells, M. (2016). *A sociedade em rede*. Paz e Terra.
- Dias-Trindade, S., & Mill, D. (2020). Educação em tempos de humanidades digitais: algumas aproximações. In Dias-Trindade, S., & Mill, D. *Educação e Humanidades digitais: aprendizagens, tecnologias e cibercultura*. (pp. 9-23). Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Domingues Ramos, L., & Boll, C. I. (2019). Educação em contexto de cultura digital: potências pedagógicas e possibilidades de visibilidade para o conhecimento científico escolar. *Revista De Educação, Ciência e Tecnologia*, 8(2), 1-12. <https://doi.org/10.35819/tear.v8.n2.a3570>
- Geertz, C. (2013). *A Interpretação das culturas*. LTC.
- Kenski, V. M. (2012). *Tecnologias e ensino presencial e a distância*. Papirus.
- Kenski, V. M. (2018). *Cultura Digital*. In Dicionário crítico de educação e tecnologias a distância. Papirus.
- Lemos, R. (2014). *A vida em rede*. Papirus.
- Lemos, A. C. (2003). Cibercultura: alguns pontos para compreender a nossa época. In Lemos, A. C., & Cunha, P. (orgs.). *Olhares sobre a cibercultura*. Sulina.
- Lévy, P. (2010). *Cibercultura*. Editora 34.
- Lévy, P. (2011). *O que é virtual?* Editora 34.
- Postman, N. (1994). *Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia*. Nobel.
- Ramos, W. M., & Boll, C. I. (2019). A cultura digital e os novos contextos de aprendizagem: quem sabe como e onde eu aprendo sou eu. In Ramos, W. M., & Boll, C. I. *Educação e Humanidades digitais: aprendizagens, tecnologias e cibercultura*. (pp. 51-69). Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Santinello, J., Costa, M. L. F., & Santos, R. O. dos. (2020). A virtualização do Ensino Superior: reflexões sobre políticas públicas e Educação Híbrida. *Educar em Revista*, 36, 1-20. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.76042>
- Santos, B. S. (2011). *A Universidade no Século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade*. Cortez.